

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista
Ana Laudelina Ferreira Gomes

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

L'ENFANCE À L'OMBRE D'UN ORANGER

Ozaias Antonio Batista¹

Ana Laudelina Ferreira Gomes²

RESUMO

Compreendendo a imaginação como faculdade antropológica capaz de instigar o ser a recriar-se por inteiro, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas experiências vividas por Zezé, protagonista do romance *O meu pé de laranja lima*, a fim de problematizar o papel do imaginativo na constituição do ser, abarcando também sua realidade sociocultural. Para tanto, adotamos como pressuposto teórico-metodológico a fenomenologia da imaginação poética de Gaston Bachelard no diálogo com as imagens literárias em devaneio de leitura, uma vez que o universo da pesquisa ficou restrito ao romance citado. Pudemos identificar que as imagens concebidas por Zezé viabilizaram outro entendimento de si e da sua realidade, graças ao movimento *criante* proporcionado pelo imaginativo.

Palavras-chave: *O meu pé de laranja lima*. Imaginação e imagens poéticas. Infância onírica.

¹ Professor de Ciências Sociais no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Piauí (UFPI, Campus Bom Jesus). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ozaias_antonio@hotmail.com

² Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-doutorado em Filosofia das Imagens pela Université Jean Moulin – Lyon 3 – France. E-mail: analaudare@gmail.com

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

RÉSUMÉ

Comprentant l'imagination comme une faculté anthropologique capable d'inciter l'être à se recréer complètement, cet article vise à présenter quelques expériences vécues par Zezé, protagoniste du roman *Mon bel oranger (O meu pé de laranja lima)*, afin de mettre en question le rôle de l'imaginaire dans la constitution d'être, englobant également leur réalité socioculturelle. À cette fin, nous avons adopté comme hypothèse théorique et méthodologique la phénoménologie de l'imagination poétique de Gaston Bachelard dans le dialogue avec les images littéraires dans un rêve éveillé de la lecture, puisque l'univers de la recherche se limitait au roman cité. Nous avons pu identifier que les images conçues par Zezé ont permis une autre compréhension de lui-même et de sa réalité, grâce au mouvement créatif fourni par l'imaginaire.

Mots-clés: *Mon bel oranger*. Imagination et images poétiques. Enfance onirique.

INTRODUÇÃO

A imagem é uma realidade concreta que se experimenta com a imaginação...

(Jean-Jacques Wunenburger, "As formas de expressão do imaginário e as estruturas paradoxais da linguagem simbólica das imagens")

Este texto é um fragmento adaptado de um dos capítulos da tese de doutorado intitulada "Sonhos entre as páginas do *Meu pé de laranja lima*: imaginação e devaneio poético voltado à infância"³. Para seu desenvolvimento foi lida a narrativa romanesca de *O meu pé de laranja lima* (VASCONCELOS, 1995) em uma perspectiva fundamentada na fenomenologia da imaginação poética bachelardiana (BACHELARD, 1985, 1989a,

³ Defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), contando com a orientação de excelência da Profa. Dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

1989b, 2003, 2008a, 2008b, 2009), a qual inspirou os devaneios de leitura vivenciados no diálogo com as imagens literárias encontradas no romance.⁴ Para tanto, a imaginação foi compreendida como reserva antropológica capaz de instigar o ser a criar narrativas oníricas por meio da experiência do devaneio poético⁵ (BACHELARD, 2009).

Neste artigo objetiva-se retomar a reflexão em torno da imaginação poética,⁶ aproximando-a da noção de infância onírica⁷ a partir de algumas experiências de Zezé, criança que protagoniza o romance estudado. Com isso, podemos problematizar os papéis socioculturais da imaginação e da infância no processo de formação do ser, uma vez que compartilhamos de uma realidade sociocultural que historicamente subalternizou a imaginação, restringindo-a à infância (DUBORGEL, 1992, 2003; WUNENBURGER; ARAÚJO, 2003, 2006).

A problematização aqui proposta será feita por meio da leitura das imagens literárias⁸ (BACHELARD, 2008b), isto é, as imagens encontradas no romance serão lidas por meio de associações feitas no devaneio de leitura, sem necessariamente levar em consideração a biografia de José Mauro de Vasconcelos. As imagens foram concebidas em livre repercussão (BACHELARD, 2008a), escritas no intuito de comunicar abertamente ao leitor. Sintam-se livres também para criar.

⁴ Para maiores detalhes, consulte Batista (2018).

⁵ O devaneio poético trata-se de uma experiência de perfeita entrega do ser ao imagético, estando ambos, ser e imagem, imbrincados nessa experiência onírico-poética *criante*. Assim, a imagem ressoa para repercutir (BACHELARD, 2008a) no íntimo do sonhador. Nesse sentido, a imagem poética não é contemplativa – mas ativa, comunicante. Consulte Bachelard (2009) para uma compreensão aprofundada sobre o devaneio poético.

⁶ A imaginação poética pode ser compreendida como faculdade que inspira o ser na leitura e criação poética de imagens, sabendo que essas imagens estão no plano fenomenológico, gestadas oniricamente no devaneio poético. Sobre imagem poética e imaginação, consulte Bachelard (2008a, 2009), Gomes (2013) e Rodrigues (2013).

⁷ A infância onírica é um conceito bachelardiano (BACHELARD, 2009) que convida o ser a retornar ao seu estado-infância via devaneio poético. Ou seja, trata-se de uma infância como estado de alma, uma vez que todos podem voltar, imaginariamente, a ser criança, bastando o ser desfrutar poeticamente de devaneios que lhe remetam a sua infância sonhada. É nessa experiência onírico-poética do ser com a imagem que a infância onírica ressurgem no íntimo do sonhador. Essa noção de infância onírica é trabalhada por Batista (2017, 2018).

⁸ As obras bachelardianas dedicadas à fenomenologia da imaginação poética estão repletas de imagens literárias. A imagem literária repercute no sonhador durante a leitura, comunicando livremente, sem necessariamente estar presa a algum ditame sociocultural ou biográfico. Assim, para ela repercutir primitivamente (BACHELARD, 2009), o sonhador deve se entregar livremente, sem estar diretamente condicionada a associações anteriores que venham restringir a livre criação viabilizada pelo devaneio poético.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

O MENINO SONHADORE SEU AMIGO PÉ DE LARANJA-LIMA

Pena que eu não pude contar pra ela que
vira a poesia viver.

(José Mauro de Vasconcelos, *O meu pé de
laranja lima*)

Zezé era uma criança incompreendida por trazer consigo um universo de imagens que fundamentavam seu entendimento da realidade a sua volta. As pessoas que estavam ao seu redor, fossem familiares ou amigos, já estavam subjugados pela domesticação da imaginação⁹ (DUBORGEL, 2003), que inibe o potencial criador da imaginação poética, cuja principal característica é apreender o real para além das experiências pragmáticas e conceituais por meio de imagens. É a influência dessa racionalidade o principal motivo do espanto e da negligência de grande parte dos interlocutores do menino ante alguns questionamentos e proposições dele.

Na contramão dos pressupostos filosóficos cartesianos que figuram como expressão clássica do racionalismo e espírito crítico explicitado em seu *cogito* “**penso, logo existo**” (DESCARTES, 1996, p. 38, grifos do autor), estão as vivências imaginárias de Zezé inspiradas pelo *cogito* dos sonhadores (BACHELARD, 2009): imagino, logo existo.¹⁰ Isso porque, para nós, Zezé não centrava seus pensamentos em bases unicamente racionais, mas se abria ao imaginário poético quando elaborava argumentos acerca da realidade a sua volta mediante a fruição íntima das imagens em

⁹ Importante salientar que embora os familiares e amigos de Zezé apresentassem, de acordo com nossa leitura, uma imaginação domesticada, é possível a constituição de uma racionalidade aberta ao imaginário poético, caso as personagens estivessem abertas ao devaneio poético. Ou seja, esse estado de domesticação não necessariamente é permanente, como também pode ser inundado por imagens criadoras.

¹⁰ Barbosa e Bulcão (2004) problematizam a crítica bachelardiana ao *cogito* cartesiano em sua filosofia da ciência: “Para Bachelard, o racionalismo não pode, como queria Descartes, ter origem numa consciência solitária, no *cogito*, mas sim no **cogitamos**, fundamento da dialogia que é inerente às comunidades de sábios” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 58, grifos das autoras). Isto é, enquanto Descartes centraliza seus pressupostos no indivíduo pensante, Bachelard contempla um sujeito que estende seu racionalismo à dialógica inerente ao dinamismo social. Desse modo, o conhecimento objetivo é fruto de depolemização, crítica e troca de ideias realizadas na cidade científica (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

devaneio. Foi assim quando o menino compreendeu quão maléfico era o cotidiano fabril de sua mãe:

Pensei na Fábrica um momento. Não gostava dela. O seu apito triste de manhã tornava-se mais feio às cinco horas. A Fábrica era um dragão que todo dia comia gente e de noite vomitava o pessoal muito cansado.(VASCONCELOS, 1995, p. 63-64)

Na apreensão de Zezé, a estrutura da fábrica era composta por asas e escamas, estando todos os dias, como um dragão, drenando as energias dos trabalhadores que lá ofereciam sua mão de obra. A racionalidade conceitual vai subjugar o entendimento do menino em torno da fábrica, argumentando que ela possui outra estrutura, com relações de produção e poder de outra natureza. Do ponto de vista objetivo, a realidade fabril em nada se assemelha com o interior de um dragão, porém a leitura do menino expõe o potencial discursivo das imagens na organização de uma interpretação poética autônoma que transcende os ditames do racionalmente perceptivo: “Os devaneios, os loucos devaneios, conduzem a vida” (BACHELARD, 2009, p. 164). Transcender a percepção racional possibilita ao ser recriar o viver mediante a força poética das imagens sonhadas.

Os que desqualificam a força discursiva das imagens vão rapidamente caracterizar essa interpretação da realidade de forma pejorativa, tratando-a como inocente, desconexa. Contudo, trata-se de uma leitura autêntica, instigada pelas imagens criadoras que rompem poeticamente com o discurso pragmático-reprodutor cuja imagem poética se torna mediadora intelectual e sensível do ser em sua apreensão do real (WUNENBURGER; ARAÚJO, 2003).

O menino, até então, não tinha contato substancial com outro saber que não fosse o oriundo das imagens poéticas sonhadas, de modo que uma interpretação socioeconômica da fábrica não teria a mesma potência para ele como a imagem do dragão sugando a energia de sua mãe.

Para ler o mundo poeticamente, o ser deve assumir sua inocência de alma a fim de captar a primitividade das sensações fomentadas pelas imagens em devaneio poético

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

(BACHELARD, 2009) – compreendendo essa dimensão primitiva como o que há de mais íntimo e verdadeiro no sonhador. Essas sensações primitivas comunicam poeticamente pela via onírica, na qual o ser se identifica com a imagem, transformando-a em um discurso singular. Quando não se alcança essa inocência de alma, o onirismo poético necessário na relação intersubjetiva do ser com a imagem inexistente, e com isso a imagem não comunica criativamente, apenas reproduz mimeticamente seus contornos exteriores.

Tal experiência poética pode ser vista quando Zezé se relacionava com seu morcego Luciano:

O outro brinquedo era Luciano. Luís, no começo, tinha um medo danado dele e pedia para voltar puxando as minhas calças. Mas Luciano era amigo. Quando me via soltava guinchos fortes. Glória também não queria aquilo, dizendo que morcego é vampiro e chupa sangue de criança.

– É não, Godóia. Luciano não é desses. É amigo. Ele me conhece.

– Você com essa mania de bicho e de falar com as coisas...

Foi um custo a convencer que Luciano não era um bicho. Luciano era um avião voando no Campo dos Afonsos.

– Olhe só, Luís.

E Luciano rodava em volta da gente todo feliz como se compreendesse o que se falava. E compreendia mesmo.

– Ele é um aeroplano... (VASCONCELOS, 1995, p. 25)

O medo inibia Luís de se entregar às imagens felizes que brotavam das brincadeiras com Luciano, entretanto Zezé convenceu Luís de que o morcego não estava ali para beber seu sangue, mas sim voar com eles. Tamanha era a intimidade de Zezé com Luciano que o animal se alegrava com sua presença, expressando tal satisfação com guinchos e metamorfoseando-se em aeroplano. A primitividade da

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

imagem poética estava no significado único que Zezé associava ao morcego por meio dos sentimentos gestados em seu sonho acordado.

A mesma abertura que o menino teve para convencer Luís das intenções de Luciano não foi encontrada em sua irmã, Glória, que tinha pensamentos definidos sobre o morcego. Ela já havia engessado seu entendimento em torno dos morcegos, caracterizando-os como animais que se alimentavam de sangue, tal qual expressa o senso comum ou o imaginário social fundamentado na famosa história do Conde Drácula. Bachelard (2009, p. 35, grifo do autor) argumenta que “não é a partir de um **saber** que se pode verdadeiramente sonhar, sonhar um devaneio sem censura”. Por isso que enquanto Zezé lia as ações de Luciano imaginariamente, Glória externava um saber que a impedia de compartilhar daquela vivência onírica. Para o menino, Luciano era um avião amigo; para Glória, o morcego não passava de um animal hematófago.

A opinião de Glória sobre Luciano não se estendia para todas as vivências compartilhadas com Zezé, havia circunstâncias em que ela também participava das narrativas sonhadas por seu irmão, principalmente quando sentia necessidade de demonstrar sua afeição por ele:

– Um dia... um dia... eu vou levar você para longe dessa casa.

A gente vai morar...

Embatucou. Na certa, pensara na casa de Dindinha, mas lá seria o mesmo inferno. Foi então que ela resolveu participar diretamente do meu pé de Laranja Lima e dos meus sonhos.

– Eu levo você para morar no rancho de Tom Mix e Buck Jones.

[Falou Glória em tom choroso].

– Mas eu gosto ainda mais de Fred Thompson.

– Pois nós vamos para lá.

E completamente desamparados, começamos a chorar juntos e baixinhos... (VASCONCELOS, 1995, p. 138)

Após mais uma violência sofrida por Zezé dentro de casa, Glória se põe a consolar o irmão por meio dos cenários imaginados por ele. Melhor estar na companhia

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

dos personagens imaginários de Zezé do que na casa de Dindinha, sua avó – concluíram ambos. Tom Mix, Buck Jones e Fred Thompson eram os *cowboys* que o menino acompanhava no cinema, cujos filmes também inspiravam as imagens que vivificavam seus devaneios poéticos.

Morin (1997) aproxima o cinema da dimensão mágica na medida em que a linguagem cinematográfica condensa aspectos do real e irreal que só serão experimentados de forma intensa quando o ser detiver uma “percepção primitiva” dessa experiência artística (MORIN, 1997, p. 178). Tal perceptividade primitiva é mantida na medida em que o ser não cede ao domínio racional da alma, se dispondo a ler o fílmico de forma imaginária.

Zezé vivenciava de forma intensa essa leitura imaginária do fílmico, tendo em vista que os *cowboys* saíam do cinema e ocupavam um espaço significativo em suas vivências cotidianas. Era para junto deles que o menino fugia quando se sentia oprimido dentro de casa, encontrando coragem para driblar suas frustrações.

Assim como Zezé não era compreendido em algumas circunstâncias, ele também não conseguia compreender as intenções de seus interlocutores, na medida em que as concepções do menino não estavam em consonância com a racionalidade daqueles que o rodeavam:

– Hoje é um dia muito feliz pra mim. A primeira vez que eu ando de carroça. Encontrei o carro do Português e escutei o Mangaratiba.

[Falou Zezé para Seu Aristides, o carroceiro].

Silêncio. Nada.

– Seu Aristides, o Mangaratiba é o trem mais importante do Brasil?

– Não. É o mais importante dessa linha.

Não adiantava mesmo. Como era às vezes difícil entender gente grande! (VASCONCELOS, 1995, p. 62)

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

As imagens poéticas imaginadas por Zezé emergiam da simplicidade das experiências felizes, sendo por isso que o menino estava concebendo uma narrativa que congregava em um mesmo cenário a carroça de seu Aristides, o carro reluzente do seu futuro amigo português e o Mangaratiba. Porém, essas eram imagens que não mobilizavam o onirismo do carroceiro, daí ele mostrar-se desanimado mesmo diante do êxtase da criança. Zezé esperava, ao indagar sobre a importância do Mangaratiba para seu Aristides, que ele contasse sobre a grande importância do trem, detalhando as viagens feitas pelo veículo no Brasil (e, quem sabe, pelo mundo). Contudo, para os não sonhadores, os objetos deixam de carregar grandes histórias, permanecendo sem simbolismo.

As brincadeiras eram os momentos em que Zezé e Luís desfrutavam com maior intensidade da primitividade onírica de suas imagens poéticas, pois estavam sob a potente inspiração ingênua dos sonhadores despertos.¹¹ A ingenuidade, quando acompanhada dessa potência primitiva oriunda das imagens poéticas, auxilia na recriação do real para além do já estabelecido pelo racional, viabilizando ao ser outros caminhos de expansão íntima por meio da metamorfose imaginária dos objetos na criação de cenários oníricos.

Zezé reinventava cotidianamente seu estar no mundo amparado pela força das imagens poéticas. Compartilhamos dessa perspectiva quando o vemos confessar a Luís ter ido inúmeras vezes ao zoológico sem nunca ter visitado um fisicamente. Fazia suas visitas por meio das imagens poéticas instigadas pela narração de seu tio Edmundo:

- Zezé?
- Que é, Luís?
- Conte para mim como é que você sabe tanta coisa do Jardim Zoológico?
- Já visitei muitos na vida.

¹¹ Bachelard (2008a, 2009) diferencia o devaneio poético do sonho noturno. No primeiro, o ser está consciente, dialoga livremente com as imagens sob a potência criadora da poética do devaneio. O imagético brota na cadência dessa vivência onírica. Já o sonho noturno encontra-se dominado pelo inconsciente, o sonhador não possui controle direto e imediato das imagens, elas brotam abruptamente advindas da inconsciência.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

Mentia, tudo o que eu sabia era Tio Edmundo quem me contara e até prometera me levar lá um dia. Mas ele andava tão devagarzinho que quando a gente chegasse lá, já não existia mais nada. Totoca fora uma vez com Papai. (VASCONCELOS, 1995, p. 28-29)

Da mesma forma que ele nunca havia visitado pessoalmente o interior de uma fábrica, mas criou uma interpretação onírica da realidade fabril, também já havia adentrado inúmeras vezes em um zoológico sem ter estado presencialmente em um. Visitava e revisitava os animais toda vez que brincava com Luís. Era na brincadeira que as imagens assumiam a primitividade necessária ao devaneio poético: “Podemos imaginar tudo do que nada sabemos” (PESSOA, 1992, p. 189).

As imagens poéticas que brotam no devaneio transcendem a percepção ocular, formando-se unicamente pela verdade onírica que o ser atribui a imagem sonhada. Barros (2006, grifos do autor) confessa que “**Tudo o que não invento é falso**”, tratando-se de uma invenção que não segue o imediatismo da objetividade. É por isso que Zezé criava as vivências que compunham sua narrativa acerca do jardim zoológico com sua capacidade de sonhar, diferentemente do seu outro irmão, Totoca, que já havia visitado um, mas deficiente da percepção imagináriacriante só esteve no zoológico uma vez. Zezé foi várias vezes, continuando a visita toda vez que Luís segurava sua mão e ambos brincavam pelo quintal.

Zezé esteve no jardim zoológico com mais intensidade do que Totoca em decorrência da potência das imagens encontradas nas histórias contadas por Tio Edmundo. Em contrapartida, a visita de Totoca foi supostamente acompanhada das explicações não imaginativas de seu pai, de modo que em algum momento Totoca até poderia conceber algumas imagens sonhadas, mas que possivelmente foram sufocadas pela condução paterna sem a mesma criatividade de Tio Edmundo.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

Com o pai desempregado e a mãe tendo que trabalhar na fábrica o dia todo, os Vasconcelos são obrigados a mudar de casa, pois não tinham mais condições financeiras de arcar com o aluguel da antiga residência. É na casa nova que Zezé se depara com seu novo amigo imaginário: o pé de laranja-lima.

Zezé não concebeu oniricamente, a princípio, o potencial imaginário do seu pé de laranja-lima, pois o menino estava enxergando-o apenas de forma imediata, faltou a leitura de alma. Com os limites impostos pela ocularidade, seu pé de laranja-lima não passava de uma árvore com meio metro de altura:

– A mangueira é minha. Peguei primeiro.

[Disse Glória de forma imediata].

Antônio fez a mesma coisa com o pé de tamarindo.

Não sobrara nada para mim. Olhei quase chorando para Glória.

– E eu, Godóia?

– Corre lá no fundo. Deve ter mais árvore, bobo.

Corri, mas só encontrei um capinzal crescido. Um bando de laranjeira velha e espinhuda. Junto do valão tinha um pequeno pé de Laranja Lima.

Fiquei desapontado...

Puxei a saia de Glória.

– Não tinha nada mais.

– Você não sabe procurar direito. Espere aí que vou achar uma árvore para você.

E logo depois ela veio comigo. Examinou as laranjeiras.

– Você não gosta daquela? Olhe que é uma bela laranjeira.

Não gosta de nenhuma mesmo? Nem daquela. Nem daquela e nem de nenhuma. Todas tinham muito espinho.

– Pra ficar com essas feiúras eu ainda preferia o pé de Laranja Lima.

– Onde?

Fomos lá.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

– Mas que lindo pezinho de Laranja Lima! Veja que não tem nem um espinho. Ele tem tanta personalidade que a gente de longe já sabe que é Laranja Lima. Se eu fosse do seu tamanho, não queria outra coisa.

– Mas eu queria um pé de árvore grandão.

– Pense bem, Zezé. Ele é novinho ainda. Vai ficar um baita pé de laranja. Assim ele vai crescer junto com você. Vocês dois vão se entender como se fossem dois irmãos. Você viu o galho? É verdade que o único que tem, mas parece até um cavalinho feito pra você montar.

Estava me sentindo o maior desgraçado da vida...
(VASCONCELOS, 1995, p. 31-32).

A casa nova tinha um grande quintal que passaria a ser o novo terreno das brincadeiras de Zezé e Luís. No afã da novidade, todos os irmãos correram para demarcar seu espaço na residência, até mesmo Glória deixou Zezé para trás e se agarrou com a mangueira que encontrou à frente, frustrando seu amado irmão. Esse sentimento de Zezé brotou porque o menino concebeu o pé de laranja-lima com os limites impostos pela objetividade ocular, sufocando suas criações imaginárias. Foi por isso que o pé de laranja assumiu contornos pequerruchos e sem vida em comparação com as árvores maiores que seus irmãos agora tinham como parceiras de brincadeira.

O capinzal crescido apontado pelo menino viria ser a floresta amazônica da qual saíam as histórias com a galinha apelidada de pantera negra. Embora Glória tenha proposto ajudar Zezé em sua empreitada de encontrar uma árvore melhor, o menino só iria maravilhar-se com seu pé de laranja-lima quando a árvore germinasse imaginariamente em seu íntimo, mediante a expansão de sua alma para a novidade das imagens poéticas que o conduziriam para os devaneios sob a inspiração do pé de laranja-lima. Do contrário, a árvore continuaria com a mesma estrutura concebida objetivamente.

Foi essa ocularidade que impediu Zezé de conceberoniricamente a árvore, de modo que a inexistência dos seus sonhos determinou a estatura do pé de laranja-lima,

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

não importando o quanto sua irmã se esforçasse para apontar as possibilidades expressas, por exemplo, no galho que poderia servir de montaria. Zezé ainda não havia sonhado imagens que expandiriam imaginariamente seu ser, ampliando imagetivamente seu pé de laranja-lima.

Dialogando com Pessanha (1985), essa imensidão cósmica pode ser compreendida também como uma fonte oculta que viabiliza ao ser criar diversas possibilidades para além do já estabelecido pela ocularidade: “A fonte oculta é puro jorro de possibilidades...” (PESSANHA, 1985, p. VII). Consequentemente, enquanto Zezé não imergisse nessa fonte oculta composta por suas imagens íntimas em devaneio poético, seu sentimento de criança desgraçada diante de uma pequena árvore continuaria.

Mas foi só o menino expandir seu íntimo ao onirismo das imagens poéticas em devaneio que o pé de laranja-lima adquiriu potência imaginária, externando uma personalidade própria:

Emburrei. Sentei no chão e encostei a minha zanga no pé de Laranja Lima. Glória se afastou sorrindo.

– Essa zanga não dura, Zezé. Você vai acabar descobrindo que eu tinha razão.

Cavouquei o chão com um pauzinho e começava a parar de fungar. Uma voz falou vindo de não sei de onde, perto do meu coração.

– Eu acho que sua irmã tem toda a razão.

– Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.

– Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala.

– Mas você fala mesmo?

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

– Não está me ouvindo?

E deu uma risada baixinha. Quase saí aos berros pelo quintal.

Mas a curiosidade me prendia ali.

– Por onde você fala?

– Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.

Fiquei meio indeciso, mas vendo o seu tamanho, perdi o medo.

Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...

– Viu?

– Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?

– Não. Só você.

– Verdade?

– Posso jurar. Uma fada me disse que quando um menininho igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz. (VASCONCELOS, 1995, p. 33-34)

Quando o pé de laranja foi apresentado por Glória, ele tinha apenas um galho que serviria como montaria para Zezé, os demais atrativos (altura, espessura, galhos, sombra, frutas) surgiriam com o tempo, uma vez que o menino e a árvore ainda possuíam uma baixa estatura. Entretanto, quando a relação da criança com a árvore transcende a barreira ocular, tornando-se imaginária, o pequeno pé de laranja-lima adquire um significado poético para além daquele pequeno galho. O que antes era sem vida adquire um coração e uma voz risonha.

Essa experiência só foi possível porque o menino deixou de limitar a estatura da árvore, apreendendo-a imaginariamente com seu coração de sonhador. É por isso que Bachelard (2009, p. 165) argumenta que “nunca teremos visto bem o mundo se não tivermos sonhado aquilo que víamos”, pois essa capacidade de conceber o mundo oniricamente integra o potencial imaginário do ser de deformar a realidade assimilada a fim de reformá-la em seus devaneios poéticos. Ou seja, para que a imagem poética do

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

pé de laranja-lima pudesse fruir do interior de Zezé, ele precisou se desprender, mesmo zangado, das amarras da ocularidade que apresentavam a árvore de forma minúscula.

Tamanha era a força imaginária das imagens criadas por Zezé em seu devaneio sobre o pé de laranja-lima que o menino custou a acreditar que realmente se tratava de uma árvore falante. Contudo, sua curiosidade sonhadora o impeliu a encostar seu ouvido no coração do pé de laranja-lima. Naquele momento, ambos os corações estavam unidos em um só, comunicando poeticamente as sensações oriundas daquele encontro imaginado.

A terra em que estava plantada a árvore falante se encontrava na imensidão íntima do menino. Assim, a única pessoa que poderia ouvir o pé de laranja-lima era Zezé. Esse primeiro encontro do menino com a árvore foi marcado, para nós, por imagens arquetipicamente terrestres (BACHELARD, 2003, 2008b), tendo em vista que as lágrimas provenientes da frustração de Zezé regaram poeticamente seu solo íntimo, do coração, fazendo germinar dinamicamente a árvore imaginária plantada dentro de si (ocasionando uma integração dinâmica e intimista das suas lágrimas com a terra movimentada pela mão sonhadora do infante). Tratou-se de uma terra que estava dinamicamente nos planos objetivo e subjetivo, com a qual o menino, ao trabalhar imaginariamente a matéria terrestre (BACHELARD, 2008b), fomentou seu devaneio poético.

Gomes (2016) afirma que a filosofia poética bachelardiana possui duas abordagens, não necessariamente antagônicas, compostas pela imaginação dos elementos (ou, conforme colocado pela autora, a “imaginação da matéria”) e a fenomenologia da imaginação.

Na imaginação dos elementos, Bachelard inspira-se na filosofia pré-socrática, tomando de empréstimo a tese de Anaxágoras – “o homem trabalha porque tem mãos” – para fundamentar sua concepção da mão onírica (GOMES, 2016). É essa mão onírica que vai dinamizar o devaneio do ser com as imagens materiais, podendo o sonhador adentrar no interior da matéria e também se deixar invadironicamente por esta, seja a matéria de natureza arquetipicamente aquática, terrestre, aérea ou ígnea.¹² “Nós e

¹² Sobre a imaginação dos elementos, consulte Bachelard (1989a, 2001, 2003, 2008a, 2008b, 2013).

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

nossos sonhos somos feitos da mesma matéria, nos diz Bachelard” (GOMES, 2016, p. 251). Isto é, as imagens, inspiradas por essa imaginação elemental, possuem os traços arquetípicos dos elementos.

Já na fenomenologia da imaginação poética, perspectiva em que aproximamos devaneios poéticos fomentados neste trabalho, o sonho poético não está relacionado com essa causalidade arquetípica, a alma se expande para a dimensão cósmica, dispensando o arquétipo elemental na fundação da narrativa onírica. Trata-se apenas da sensibilidade do ser na fruição das imagens poéticas em seu devaneio.

“As mãos sonham” (BACHELARD, 2009, p. 68), salienta o filósofo quando aponta a importância de se buscar na imensidão íntima do ser as imagens primitivas que dinamizarão o devaneio poético, porque mesmo as imagens que carregam consigo traços arquetípicos terrestres, por exemplo, requerem do sonhador a busca pela intimidade material, no intuito de driblar as impressões primeiras impostas pelo vício de ocularidade (GOMES, 2016; PESSANHA, 1985).

Esse olhar vicioso contempla a matéria em seu estado primeiro, dispensando adentrar dinamicamente na intimidade material relacionada arquetipicamente com a imagem. Daí o ser precisar estar amparado poeticamente pela mão onírica, pois se a terra, a água, o ar ou o fogo forem experimentados em seu estado bruto, o dinamismo da alma sonhadora não fruirá. Mas, quando os elementos são trabalhados oniricamente, adquirem poeticidade, pois eles também são arquétipos: “As qualidades materiais estão adormecidas nas coisas, nos objetos de devaneio... é o ser humano que as desperta. O homem trabalha a matéria, aplica-lhe uma força, força que fala sobre sua própria vontade...” (GOMES, 2016, p. 255).

As qualidades materiais colocadas pela autora em citação contemplam os arquétipos junguianos, os quais são compreendidos como imagens que resumem as experiências ancestrais dos seres concentradas no inconsciente coletivo (JUNG, 2013), não se tratando, dessa forma, de uma manifestação que contempla apenas a dimensão particular do ser. Nesse sentido, na imaginação material bachelardiana os quatro elementos (fogo, água, terra e ar) operam na condição de arquétipos passíveis de externar peculiaridades materiais mediante o trato da mão onírica sob a matéria.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista
Ana Laudelina Ferreira Gomes

No devaneio diante da imagem de Zezé zangado, cavando o chão com um pequeno pedaço de madeira, pudemos sentir a verdadeira força de um sonhador que devaneia poeticamente sob imagens terrestres, pois a mão do infante não estava equipada com uma pá ou um escavador no intento de escavar a terra, mas Zezé tinha em mãos apenas um pauzinho de madeira minúsculo e fino, sendo graças a esse potente instrumento que o menino pôde alcançar a profundidade íntima da matéria trabalhada.

Naquele momento, Zezé encontrou o coração da árvore, passando a amá-la. Essa afetividade foi desperta pelo fato de o menino não limitar mais seu olhar às dimensões objetivas do pé de laranja-lima, enxergando-o imaginariamente por meio do dinamismo de sua mão sonhadora: “o interior do objeto pequeno é grande” (BACHELARD, 2003, p. 11-12). O exterior do objeto grande é pequeno, uma vez que a dimensão íntima do ser, ao se expandir no devaneio poético, deforma o objeto sonhado, reimaginando sua estrutura objetiva. Se Zezé não tivesse expandido seu interior, permitindo que as imagens poéticas do pé de laranja-lima germinassem em sua terra íntima, ele não desfrutaria da companhia imaginária de sua árvore falante.

A força poética do sonhador que atua oniricamente sob o elemento terrestre não está em seus músculos, mas na sinceridade de sua relação com a terra da qual brotarão as imagens sonhadas. Essa relação só pode ser vivenciada pelo próprio ser em sua experiência onírica, sendo por isso que nenhum dos irmãos de Zezé montariam na sela do seu pé de laranja-lima, apenas ele. Nem mesmo Luís, parceiro diário de brincadeiras, iria ouvir ou sentar no cavalo que estaria, após esse primeiro encontro do menino com a árvore, constantemente metamorfoseado nos devaneios de Zezé:

Você quer ver como eu sou macio?

– Como é que...

– Monte no meu galho.

Obedeci.

– Agora, dê um balancinho e feche os olhos.

Fiz o que ele mandou.

– Que tal? Você alguma vez na vida teve um cavalinho melhor?

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

– Nunca. É uma delícia. Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para meu irmão menor. Você vai gostar muito dele, sabe?

Desci adorando o meu pé de Laranja Lima.

– Olhe, eu vou fazer uma coisa. Sempre quando puder, antes de mudar, eu venho dar uma palavrinha com você... Agora preciso ir...

– Mas amigo não se despede assim.

– Psiu! Lá vem ela.

Glória chegou mesmo na hora em que eu o abraçava.

– Adeus, amigo. Você é a coisa mais linda do mundo!

– Não falei a você?

– Falou, sim. Agora se vocês me dessem a mangueira e o pé de tamarindo em troca da minha árvore, eu não queria.

Ela passou a mão nos meus cabelos, ternamente.

– Cabecinha, cabecinha!...

Sáimos de mãos dadas.

– Godóia, você não acha que sua mangueira é meio burrona?

– Ainda não deu para saber, mas parece um pouco.

– E o pé de tamarindo do Totoca?

– É meio sem jeitão, por quê?

– Não sei se posso contar. Mas um dia eu conto um milagre para você, Godóia. (VASCONCELOS, 1995, p. 34-35)

Quando o sonhador está inteiramente entregue ao devaneio, não há hesitação, simplesmente ele se lança sem titubeio na poeticidade da imagem sonhada. O menino poderia ter perguntando a árvore: “Mas como vou cavalgar você? Você é uma árvore! Onde estão as esporas? Sua crina? Seu rabo?”. Sem questionar, Zezé apenas atende ao convite de seu amigo.

A experiência imaginária da criança não esteve perpassada pelo “Era uma vez” dos contos de fadas narrados sem a potência poética das imagens sonhadas. Seu devaneio poético da montaria emergiu de forma imediata, sem a pausa para o “Era uma

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

vez” que culmina em uma racionalização que inibe a liberdade indispensável do devaneio poético. Bastou o menino fechar os olhos e imediatamente se viu guiando o animal. Foi a melhor montaria desfrutada por Zezé até então, porque se tratou de um cavalo concebido com toda força e veracidade das imagens que vivificaram seu devaneio poético.

O Raio de Luar estava agora associado à imagem do seu pé de laranja-lima. A imagem da árvore-cavalo tocou o íntimo do menino onde o cavalo de madeira não alcançava mais,¹³ porque o sonho que antes concentrava-se no brinquedo foi transferido para o galho da árvore em movimento galopante. A partir desse dia, em alguns momentos, a árvore se manifestava como um pé de laranja-lima falante, noutros se transformava em um equino a cavalgar por planícies distantes.

Fechando os olhos, o menino potencializou sua percepção imaginária, sensibilizando seu onirismo para o encontro afetivo com as imagens poéticas cavалares frutificadas no seu diálogo com o pé de laranja-lima. Por meio dessa montaria o menino pôde experimentar o gozo de estar na sela de um cavalo e percorrer um espaço do tamanho do seu devaneio, podendo até chegar ao infinito. Se antes com Glória a árvore era minúscula e indesejada, após as imagens poéticas vivificarem o olhar do menino ela passa a ter a altura de um cavalo selado.

Um abraço caloroso entre o menino e a árvore firmou a amizade de ambos, porém, por se tratar de uma relação imaginária íntima, Glória não compartilharia daquela vivência, daí o “psiu” do menino ao perceber que sua irmã se aproximava. Quando Glória viu que mais uma vez seu irmão conversava com um “objeto inanimado”,¹⁴ olhou com ternura para o que seria mais uma brincadeira de faz de conta de Zezé.

¹³ Antes de Zezé encontrar seu pé de laranja-lima, ganhou um cavalo de madeira de seu tio Edmundo. Para maiores detalhes, consulte Vasconcelos (1995).

¹⁴ As aspas se referem ao dinamismo que o ser pode atribuir a um determinado objeto com a potência das imagens poéticas sonhadas. Para Glória, a árvore estava estática, sendo, por isso, uma coisa inanimada. Mas para seu irmão o pé de laranja-lima estava pulsante, adquiriu vida em seu devaneio poético. Consequentemente, o que está animado ou inanimado vai depender do onirismo do ser sob o objeto sonhado poeticamente. É por isso que algumas crianças transformam os objetos mais inusitados em brinquedos, animando-os imaginariamente.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

Foi a poeticidade das imagens que fizeram que Zezé concebesse a árvore como um ser vivo, e não a estrutura biomorfológica apontada por Glória, de modo que o pé de laranja-lima se tornou singular, estabelecendo um canal de comunicação com o menino. Mais do que uma classificação biológica, a árvore foi apreendida por Zezé como uma amiga que se comunicava consigo por meio das imagens fomentadas em seus devaneios. As mentes não devaneantes podem até conversar com os animais de estimação que possuem elementos comunicantes mais diretivos (miado, latido, grunhido), porém dificilmente se porão a dialogar com uma árvore acreditando que seus poros, casca e folhas servem como ouvidos.

O menino vislumbrou imaginariamente a árvore como um ser vivo, não se limitando aos traços objetivos para classificá-la assim. O pé de laranja-lima vivia não apenas porque produzia oxigênio ou realizava fotossíntese, mas por falar com ele e lhe possibilitar cavalgar livremente. O fato de a árvore ter uma baixa estatura não animou Zezé a cultivá-la, mas bastou as imagens poéticas potencializarem imaginariamente o pé de laranja-lima para o menino voltar-se para seu cultivo.¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginar é abrir-se para o mundo, tornar-se novo por meioda potência encontrada nas imagens concebidas em devaneio poético. Novas imagens, outro ser, nova realidade. Nossa leitura de *O meu pé de laranja lima* possibilitou compreender as experiências infantis de Zezé condicionadas por essa capacidade revolucionária da imagem, imaginação e devaneio poético.

Ao recriar imaginariamente situações ou objetos – sejam animados ou inanimados –, o menino estava também expandindo seu potencial criador, bem como agindo sobre sua realidade objetiva. Esse movimento do imaginativo agia,

¹⁵ Quão revolucionário seria se os professores de Biologia e Ciências Naturais adotassem as imagens poéticas como alternativa metodológica no intuito de sensibilizar os estudantes para o respeito com os seres vivos que o circundam. Certamente docentes e discentes se sentiriam parte da natureza, e não fora dela, pois, mediante uma leitura poética da fauna e flora, os seres estabeleceriam, tal qual fez Zezé, vínculos afetivos com a biodiversidade, estabelecendo uma vivência pacífica e de proteção à vida.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

concomitantemente, de forma subjetiva e objetiva, estando a imagem poética no papel de mediadora cognitiva do ser no processo de leitura e intervenção na realidade.

As reflexões trazidas neste trabalho são apenas fragmentos de algumas vivências de Zezé com seus amigos imaginários, muitas outras situações poderiam ter sido apresentadas aqui, contudo iríamos ultrapassar o limite de um artigo científico.¹⁶

Convidamos nossas(os) leitoras(es) a também, tal qual fez Zezé, criar seus devaneios, reinventando-se por meio dessa experiência onírico-poética que culmina em um movimento criativo pautado por infinitas imagens.

¹⁶ Para mais detalhes, consulte Batista (2018).

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- _____. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a.
- _____. **Lautréamont**. Lisboa: Litoral Edições, 1989b.
- _____. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- BATISTA, Ozaias Antonio. **Imaginação, infância e educação**: diálogos entre *Menino de Engenho* e *O Ateneu*. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- _____. **Sonhos entre as páginas do Meu Pé de Laranja Lima**: imaginação e devaneio voltado à infância. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e pedagogia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

_____. Imaginário e Pedagogia. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coord.). **Variações sobre o imaginário**: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 203-217.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Educação por imagens. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). **A flor e a letra**: poéticas e lições de imagens. Natal: EDUFURN, 2013. p. 191-202.

_____. Materialismo racional e materialismo imaginário. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira. BRITO, Sílvia Barbalho (Orgs.). **Festins de seda**: o Festival Mythos-Logos do imaginário e outras inventices de inspiração bachelardianas. Natal: EDUFURN, 2016. p. 239-261.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**: ensaio de antropologia. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997.

PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. A experiência aprendiz das imagens. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). **A flor e a letra**: poéticas e lições de imagens. Natal: EDUFURN, 2013. p. 171-190.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. 73. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. Introdução ao imaginário. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coord.). **Variações sobre o imaginário**: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

INTER-LEGERE

INFÂNCIA À SOMBRA DE UM PÉ DE LARANJA-LIMA

Ozaias Antonio Batista

Ana Laudelina Ferreira Gomes

_____. **Educação e imaginário:** introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.